

LUÍS SOARES CORREIA DE ARAÚJO: TRAÇOS DE UMA BIOGRAFIA

Douglas Albert de Souza Lima*

Pós – Graduando Lato Sensu

gouglas@gmail.com

Durante os anos de 2009 e 2010, como bolsista de iniciação científica,¹ tive a oportunidade de pesquisar no jornal *A República*. Minha meta era identificar as Resoluções Municipais instituídas pela Intendência de Natal durante a Primeira República. Pelas Resoluções observamos as mudanças ocorridas na cidade nos primeiros anos do século XX. Estas mostraram as ações do poder público em áreas das mais diversas, tais como, a cultura, o trânsito, os transportes, a urbanização, a saúde, a educação.

À medida que lia o jornal percebia uma série de ações culturais voltadas especificamente para reforçar/construir na sociedade natalense, valores vinculados ao patriotismo, ao civismo. Ao mesmo tempo fui percebendo que nessas ações “civilizatórias” era constante a presença do professor Luís Soares de Araújo, um educador Assuense que vem para a capital a pedido do governador à época – 1917 – para ser diretor do Grupo Escolar Frei Miguelinho, grupo esse que se destacou no contexto educacional na cidade do Natal.

Considerando essa situação, este trabalho pretende entender as práticas civilizatórias desenvolvidas em Natal durante o século XX a partir da biografia de Luís Soares de Araújo. Apesar de não deixar escrito traços autobiográficos, ele nos deixou pistas de sua trajetória. São essas pistas que ajudam a compreender a experiência de configuração de uma entidade civilizadora e, portanto, explicitam a relação sujeito e sociedade. Assim, este trabalho pretende analisar um amplo panorama sobre a Cidade de Natal tendo como “fio condutor” a trajetória pessoal de um personagem.

A narrativa da história de Luís Soares traz um novo modo de espacializar a Cidade do Natal. Nesse sentido, conhecer Luís Soares é também conhecer a Cidade. Há perfeitamente a problemática de que ele não vai representar Natal como um todo, porém, ele vai representar uma das muitas cidades existentes em Natal, assim como Freyre represente um dos muitos nordestes.

* Graduado em História da UFRN e membro do Grupo de Pesquisa Os espaços na modernidade

¹ Como bolsista de Iniciação Científica, estive vinculado ao projeto intitulado: A institucionalização da gestão urbana: levantamento documental e análise das resoluções do Conselho da Intendência Municipal de Natal (1890-1930) coordenado pelo professor Raimundo Nonato Araújo da Rocha.

Luís Soares Correia de Araújo, mais conhecido como Professor Luís Soares, viveu boa parte de sua vida, em Natal, no bairro do Alecrim, que, no começo do século XX, era tido como um dos mais pobres e desassistidos (Nonato, 1980) pelo poder público. Nesse bairro, foi Diretor do *Grupo Escolar Frei Miguelinho* e fundador do *Grupo de Escoteiros do Alecrim*. Na condição de gestor dessas instituições, estava presente em praticamente todas as ações que se referiam a mobilizações em torno de civismo. É no Alecrim que Luis Soares inicia uma vida de práticas sociais na Cidade do Natal.

Para relacionar os fatos da vida de Luís Soares com a formação da Cidade do Natal, vejo a narração como um meio de expor essa relação. Certeau (2004) mostra que a cidade é sentida, vivenciada e modificada de acordo com o consumo dos seus moradores, das necessidades e da inventividade dos indivíduos que a lêem diariamente, numa relação constante de (re)criação de espaços e lugares.

Certeau (1994) também afirma que os relatos especificam espaços pelas ações de sujeitos históricos. Portanto, a idéia de espaço neste trabalho parte do pressuposto que Luís Soares é um sujeito histórico, porém, que ainda precisa ser constituído. Assim, utilizarei-me da análise de material tanto produzido por Luís Soares como para Luís Soares, identificando como suas práticas civilizatórias foram moldando o espaço da Cidade do Natal

Espaço é um termo abstrato para um conjunto complexo de idéias (Tuan, 1983). Com essa definição estabeleço a idéia de que um lugar, ou uma instituição é também um espaço. Pois o espaço se constitui numa interpretação do homem, ele só existe – o espaço – enquanto perspectiva do homem, enquanto resultado de uma (ou várias) relação estabelecida entre ambos, é uma história produzida pelo homem.

Certo de que para dar vida a esse biografado, faz-se necessária a ajuda de discursos orais, as fontes de jornais, as cartas e a minibiografia escrita por Nonato (1980) não darão conta do todo que é a história de Luís Soares. Diante disso, será necessário recorrer à memória daqueles que conviveram com Luís. Para tanto, me utilizarei de Halbwachs (1990), quando o mesmo diz que, falando em memória coletiva em memória histórica, a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Com isso, pretendo buscar o ideário coletivo para buscar preencher possíveis lacunas que os documentos escritos deixam.

Tratando-se de uma obra biográfica, percebe-se a necessidade de trabalhar também em torno do pensamento teórico de Pierre Bourdieu (2001) quando afirma que uma vida é insuperavelmente e o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato da mesma.

Além disso, houve também preocupações na construção dessa narrativa, tomando por base a citação de Márcia de Almeida(2009) ao falar de André Maurois, vê-se que é primordial não construir uma biografia sem antes tomar cuidado com as limitações impostas pelo fato de os protagonistas e antagonistas de “suas” histórias terem existências mundanas e reais, tendo o cuidado de não narrar tudo sobre o biografado, mas sim, destacar os aspectos que vivificassem o biografado. Atentar que a biografia (empírica) não se trata de um romance, que possui uma grande liberdade de construção.

Esse estudo parte da análise do jornal *A República* (1917-1967), periódico através do qual Luís Soares se utilizou para divulgação de suas práticas, principalmente como diretor do Grupo Escolar Frei Miguelinho e como presidente da Associação Escoteira do Alecrim. Adicionar sempre notas ao principal jornal da cidade do Natal na época, não só mostra a força que Luís Soares possui na sociedade; vai além, não só como meio divulgador, mas serve também como arquivo. Além disso, também foi utilizado uma coletânea que composta de várias passagens em vários jornais sobre a vida de Luís Soares. É nesse material que se encontra o maior acervo sobre ele. Por fim, fez-se necessário o uso de entrevistas, para preencher lacunas porventura abertas durante a minha pesquisa. Essas análises são apenas um início. Há ainda bastante material a ser analisado.

Luís Soares: educação e civismo

O professor Luís Soares nasceu, em 1888, na cidade de Assu, onde cursou as primeiras séries e, em seguida, foi morar em Recife, onde cursou o pedagógico. Após a conclusão do Pedagógico, a convite do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, veio morar em Natal com a missão de construir grupos escolares e escolas em Natal e em diversos municípios do interior, como foi o caso do Grupo Escolar Frei Miguelinho, criado em 1917. Todavia, a ação de Luís Soares não ficou restrita a fundação de escolas, fundando em 1918 uma banda escolar, a “Charanga do Alecrim”, com jovens do bairro; além disso, em 1919 fundou a Associação de Escoteiros de Alecrim.

Iniciando a década de 1920, Luís Soares criou o “Curso complementar”, no turno da noite, com aula para adultos. Em 1922, Luiz Soares cria a Escola Profissional do Alecrim e na continuação o Grupo Escolar Frei Miguelinho.

Seguindo no contexto educacional, Luís Soares implementou, no ano de 1945, um Jardim de Infância no Grupo Escolar Frei Miguelinho, o que possibilitou a educação para

todas as idades dentro do bairro do Alecrim, que diante de uma Natal que seguia os passos do “progresso”, era tido como um dos bairros mais pobres e desassistidos da cidade.

Investigando um pouco mais, temos que no ano de 1917, ele criou a Associação de Escoteiros do Alecrim, com o apoio de Henrique Castriciano (personagem de destaque no Rio Grande do Norte) e de Olavo Bilac (conhecido de âmbito nacional). Ao trazer o escotismo para Natal, Luís Soares tinha por meta iniciar a criança e o adolescente “no ritual da obediência e da valorização da pátria”(BITTENCOURT, 1990). Essa valorização da pátria foi feita a partir dos ideais republicanos. Segundo Bittencourt (1990), “uma das tradições [...] era o do sentimento Republicano” do povo[...]. A monarquia deveria ser entendida como anomalia que se fez necessária apenas temporária e circunstancialmente na “História Nacional”.

Luís Soares criou no Alecrim um **espaço** onde as práticas civis - militares se somarão ao núcleo educacional – escola – no que pode ser visto como um **local** central de difusão das idéias nacionais. O movimento escoteiro àquela época era visto como a “educação perfeita para introduzir, desde a infância, a relação militar – povo” e “a obediência incondicional às autoridades constituídas e à hierarquia social”. Esse tipo de educação era baseado em disciplina rígida, estilo militar, para formar o cidadão de bem e idolatria pelos símbolos nacionais – culto à Bandeira e ao Hino Nacional, comemoração das datas nacionais, ou seja, culto às tradições brasileiras, tradições essas que não existiam, por exemplo, durante o Império (BITTENCOURT, 1990).

Durante o começo do séc. XXI tem início um período que Hobsbawn vai denominar de “Fenômeno Nacional, no qual são realizadas práticas nacionalizantes que tem por objetivo a construção da idéia de nação.” Essa nação vai estar imbuída de práticas modernizantes e civilizatórias (BITTENCOURT, 1990).

Além de práticas como escotista, Luís Soares também vai estar à frente de outras ações que mostram sua necessidade de transformação – melhorias – em prol do Estado do RN.

No ano de 1918, em meados de abril, chegam relatos da seca que começou a atingir algumas cidades – Assú, Martins, Mossoró, entre outras – e que acaba por se alastrar por boa parte do Estado. O Governo toma uma série de medidas – construção de açudes e barragens. Na capital, Luís Soares inicia uma campanha para recebimento de donativos em favor dos flagelados (A REPÚBLICA, 1918).

Em 1919, a gripe espanhola começa a se espalhar pelo Brasil, chegando também ao RN, mesmo havendo poucos casos, porém, causou problemas ao Governo do Estado. Mais

uma vez Luís Soares se destaca iniciando uma campanha de doação de alimentos e ajudando na distribuição e aplicação de medicamentos.

Em 1927, ele reorganizou a “Liga de Desportos Terrestres do RN”, no qual foi eleito presidente, segundo Nonato (1980), esse trabalho “levou o Presidente Juvenal Lamartine [...] a construir, em 1929, no Tirol, o Estádio que conserva o nome daquele Chefe de Governo.

No mês de Março de 1944 é fundada, no mesmo bairro – Alecrim - , um Centro de Saúde, a “Policlínica do Alecrim”. Ela foi criada em um terreno doado pela associação dos escoteiros do Alecrim, por intermédio de Luís Soares, que vai fazer parte do primeiro conselho administrativo, como Presidente. Após sua morte, em 1967, ele foi homenageado, quando seu nome também passou a ser o nome da policlínica, que se transformou no Hospital Luís Soares.

No ano de 1945, Luís Soares participa ativamente da organização e instalação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal, que mais tarde integrarão a Universidade Federal do Rio Grande do norte. Em 1950 ele foi eleito para a Câmara de Vereadores de Natal, no qual foi posto como vice-presidente.

Em 1953, Luís Soares pede a intervenção do então Vice-Presidente da República e também norte-riograndense, João Café Filho para conseguir autorização para a reforma do Forte dos Reis Magos, que estava se deteriorando, e no qual obteve sucesso perceptível através de uma carta (Diário, 1953) que recebeu informando que estava para ser enviado ao Estado uma equipe técnica do Iphan de Recife, para verificação e estudos iniciais do trabalho. Sua morte ocorre em 13 de agosto de 1967, com acompanhamento de boa parte da população do Alecrim e de autoridades locais.

Na análise de entrevistas, vamos ter um reforço dessas mesmas ações do professor Luís Soares. Sempre demonstrado como homem ativo, de uma rigidez para com a disciplina, porém, sempre enaltecido como alguém que trabalha para o próximo.

Luís Soares e a cidade do Natal

Nos dias de hoje, o bairro do Alecrim é tido como comercial. Boa parte da população de Natal habita em outros conjuntos residenciais. Porém, na época de atuação de Luís Soares, tal bairro era um dos mais populosos, além de ser um dos mais carentes, como dito anteriormente e é para esse bairro que Luís Soares vai dedicar sua obra.

A Natal criada por ele é essa Natal criada a partir do bairro do Alecrim. O Grupo escolar Frei Miguelinho seve como base para a implementação de uma série de atividades que moldam não só o bairro, como a Cidade passa a ter uma nova perspectiva.

Como núcleo educacional, acaba atingindo todos os níveis da hoje chamada “educação básica”, incluindo o ensino de jovens e adultos e a escola de ensino técnico, a Escola Profissional do Alecrim. Com isso, os cidadãos desse e de outros bairros acabam por freqüentarem esse espaço educacional, principalmente os mais desassistidos materialmente.

Ao instituir o movimento escoteiro, Luís Soares alia a rígida disciplina, com exemplo militar, à escola. Vamos ter, a partir daí, uma nova formação social, com novos elementos, principalmente republicanos, com uma maior ênfase às “Tradições Nacionais”.

Com a reorganização da Liga de Desportos, vamos ter a criação do Estádio Juvenal Lamartine, que por muitos anos será um local concentrador das mais diversas práticas desportivas do RN.

Se por um lado investia na área social para com as crianças e jovens daquele bairro, também soube aproveitá-los. Quando, ao Estado do RN, vinham políticos de grande expressão Nacional, ou quando havia os mais diversos eventos no estado – comemorações, eventos esportivos, desfiles cívicos etc., Luís Soares aproveitava a banda escolar “Charanga do Alecrim”. Além de mostrar à cidade e aos visitantes uma produção de sua escola, também criava nos jovens participantes da banda uma noção de importância social.

Essa importância e a noção de cidadania se dará também com a ajuda aos flagelados da seca e as vítimas da peste no Estado.

Sua participação na política, na criação da policlínica e na formação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal, mostra, além de sua importância, a sua força e o seu prestígio dentro da Cidade do Natal. Os mais próximos a ele afirmam que, quando se lançou na política, na realidade, “o” lançaram; além de não ter a intenção de vencer, não fazendo campanha, melhor, fez campanha contra, pedindo, por exemplo, que professores do Grupo Escolar Frei Miguelinho não votassem nele.

A partir dessas ações, observa-se uma mudança significativa na espacialidade da Cidade do Natal. Vamos ter dois grandes bairros vão ter bastante destaque, o bairro da Ribeira e o bairro de Cidade Alta. Com as mudanças implementadas a partir de Luís Soares, dentre outras, o Alecrim passa a ser um bairro com grande visibilidade, agora não só por sua grande população, mas também pelo que passa a representar dentro da sociedade Norte-Riograndense.

A construção dessa análise histórica do processo de civilização pela qual Natal passou durante a consolidação da República no Brasil é possibilitada por essa narrativa de Luís Soares, que também visa questionar as tradicionais concepções de espaço criados pela “modernidade” do início do século XX, procurando investigar suas repercussões sobre o humano, situado entre espaços sociais e a vida pessoal.

Ficou evidenciado de que Luís Soares destacou-se como uma personalidade ímpar na sociedade natalense, em boa parte do século XX. Ele terminou sua vida como diretor do Grupo Escolar Frei Miguelinho, não ocupou cargos no governo e sua participação política não foi das mais longas, cumprindo apenas um mandato de vereador. Entretanto, a cidade que Luís Soares vislumbrou é uma projeção de um modelo nacional. Sua realização, talvez não tenha sido completa em sua plenitude, mas diante das possibilidades, pode-se dizer foi um feito interessante.

BIBLIOGRAFIA

A REPÚBLICA, Natal, 1917 – 1967

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco. Lapa, 1996

BITTENCOURT, Circe. A História nas escolas primárias: pátria e trabalho. In: -----
-----, *Pátria: civilização e trabalho (1917-1939)*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 170

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001. p. 185-191

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano I*. Petrópolis, Vozes, 1994, p.169-220.

DIÁRIO DE NATAL, Natal, 1953

Gonçalves, Márcia de Almeida. Mestiço, pobre, nevroprata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira. In: Gomes, Angela de Castro; Schimdt Bisso (Org.). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro, FGV; Porto Alegre: UFRGS, 2009

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

NONATO, R. Luiz Soares, educador e exemplo. *Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte*. Natal, n. 70, p. 25-30, 1980

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983, p. 39 - 57; 96-112.